



DOI 00.0000/0000-0000.0000n00p00-00
Data de Recebimento: 08/02/2022
Data de Aprovação 08/04/2022

Harry Potter, um herói liberal: ideologia e pedagogia política na ficção de J. K. Rowling





Harry Potter, um herói liberal: ideologia e pedagogia política na ficção de J. K. Rowling

Harry Potter, un herói liberal: ideología y pedagogía política en la ficción de J. K. Rowling

Harry Potter, a liberal hero: ideology and political pedagogy in the fiction of J. K. Rowling

ANDRÉ AZEVEDO DA FONSECA¹, VICTÓRIA VISCHI DA CRUZ²

Resumo: A série de livros de ficção infanto-juvenil do personagem Harry Potter, assim como as suas adaptações cinematográficas, alcançaram fama internacional. Ao tratar de temas contemporâneos através da fantasia, a sua narrativa abordou problemáticas análogas aos conflitos sociais do mundo real. Através de pesquisa bibliográfica de textos acadêmicos que investigam os aspectos políticos do universo de Harry Potter, a presente pesquisa realiza uma leitura sobre a representação das ideologias presentes na narrativa ficcional. Com isso, foi constatada a valorização de ideias liberais, apesar de algumas contradições no campo dos ideias de justiça e direitos humanos. A ausência de caráter revolucionário da mensagem nos li-

1 Doutor em História (Unesp) com pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACCQU-FRJ). Prof. Associado no Centro d Educação, Comunicação e Artes (CECA) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). azevedodafonseca@gmail.com

2 Graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação e Imagem Social. victoria.vischi@uel.br

vros reforça a manuteno de valores jรก estabelecidos na sociedade.

Palavra-chave: Harry Potter; Liberalismo; Polıtica.

Resumen: La serie de libros infantiles de ficci3n de Harry Potter, ası como sus adaptaciones cinematogrรกficas, alcanzaron fama internacional. Al tratar temas contemporรกneos a travs de la fantasıa, su narrativa abord3 cuestiones an3logas a los conflictos sociales en el mundo real. A travs de la b3squeda bibliogrรกfica de textos acad3micos que investigan los aspectos polıticos del universo de Harry Potter, la presente investigaci3n realiza una lectura sobre la representaci3n de las ideologıas presentes en la narrativa ficcional. Con esto, se encontr3 la valorizaci3n de las ideas liberales, a pesar de algunas contradicciones en el campo de las ideas de justicia y derechos humanos. La falta de carรกcter revolucionario del mensaje en los libros refuerza el mantenimiento de valores ya establecidos en la sociedad.

Palabras clave: Harry Potter; Liberalismo; Polıtica.

Abstract: The series of books of fantasy novels that follows the character Harry Potter, as well as its film adaptations, reached international fame. Speaking about contemporary themes through fantasy, its narrative approached problems analogue to the social conflicts present in the real world. Through bibliographic research of academic texts that investigate the political aspects of Harry Potter's universe, this research accomplishes one synthesis of the analyses about the representation of the ideologies present in that fictional narrative. With that it was verified the appreciation of the liberal ideals despite some contradictions in the field of the ideals of justice and human rights. The absence of revolutionary purpose in the message of the books reinforce the maintenance of the established values in the society.

Keywords: Harry Potter; Liberalism; Politics.

Introdução

Harry Potter é uma série de ficção composta por sete volumes escritos por J. K. Rowling. A obra foi um sucesso estrondoso desde o primeiro livro, lançado em 1997. Com as adaptações para o cinema a partir de 2001, foram criados jogos, acessórios, roupas e uma infinidade de produtos licenciados. Outras narrativas derivadas da história original – os chamados *spin offs* – tal como peças de teatro e filmes, também obtiveram grande sucesso comercial. Uma multidão de fãs produz as suas próprias versões para desenvolver novas histórias a partir do universo criado em torno de Harry Potter – as chamadas *fan-arts* e *fanfictions*. Não há dúvidas de que o personagem se tornou um dos maiores fenômenos culturais planetários do século XXI.

A narrativa original explora as aventuras do jovem Harry Potter, sobretudo durante seus anos como estudante da Escola de Magia e Bruxaria Hogwarts – período em que luta contra um bruxo das trevas nomeado Voldemort. Naturalmente, como um produto de seu tempo, a saga carrega um conjunto de valores em seu conteúdo. Nas entrelinhas dos dramas pessoais, portanto, a narrativa reproduz ideologias que enviam as descrições dos conflitos políticos e sociais, mesmo aqueles em que os protagonistas se colocam expressamente a favor da diversidade cultural, em defesa dos oprimidos e em busca da igualdade, ou contra o autoritarismo, a violência e o preconceito.

O vilão Voldemort e seus seguidores, nomeados Comensais da Morte, atuam a partir do princípio de que os bruxos “puro-sangue” são superiores aos chamados “sangues ruins” (aqueles que nasceram de famílias não-mágicas) e aos trouxas (designação pejorativa pela qual os bruxos se referem às pessoas comuns). Por isso, eles pretendem exterminar esses grupos por meio de violência, torturando e assassinando também aqueles que se colocam em seu caminho.

Os heróis da história resistem às forças de Voldemort principalmente através das ações da Ordem da Fênix, uma organização criada por Dumbledore – o Diretor de Hogwarts. Assim, ainda que ambientada em um universo de fantasia direcionado ao público infanto-juvenil, observamos que a história se desenvolve a partir de metáforas e analogias a movimentos políticos e eventos históricos do século XX, tal como o nazifascismo e a Segunda Guerra Mundial.

O objetivo do presente artigo é efetuar uma revisão bibliográfica de um conjunto de pesquisas no campo das Ciências Políticas e das Relações Internacionais a fim de identificar as ideologias dominantes na ficção de Harry Potter. Para isso, foi efetuada uma pesquisa bibliográfica dialética (LIMA; MIOTO, 2007) para articular resultados que, quando sintetizados, desvelam um panorama coerente a partir da análise das conclusões de cada um dos trabalhos.

Em primeiro lugar, a importância de estudos dessa natureza parte do pressuposto de que a vida social e política em um determinado período histórico condiciona a criação artística e, por outro lado, acaba sendo representada e influenciada por elas, participando ativamente, portanto, do processo dialético de transformação histórica. Sendo parte relevante das experiências de formação moral, ética e política de um número significativo de consumidores, Neumann e Nexon (2006) defendem a importância de estudar objetos da cultura popular, da cultura de massa ou das indústrias culturais (dependendo da perspectiva teórica), tal como é o caso de Harry Potter.

Gierzynski e Seger (2011) também ressaltam que nenhuma história de ficção pode ser considerada “apenas” uma história, uma vez que, seja de forma explícita ou implícita, todas sugerem um conjunto de lições a partir do desenvolvimento dos personagens na trama, que por sua vez são apreendidas pelos leitores de acordo com a qualidade e a intensidade de sua identificação com a moral da história. Por isso, Gierzynski e Seger (2011) também entendem os produtos culturais como fonte relevante na formação das ideias políticas e na interpretação que os indivíduos reproduzem e formulam sobre o mundo. Nesse sentido, estudos nos mais diversos campos das Humanidades e das Ciências Sociais a respeito destes objetos se mostram indispensáveis para a compreensão ampla do imaginário político de um tempo.

Em termos metodológicos, a perspectiva dialética da pesquisa bibliográfica busca a revisão dos resultados já estabelecidos “a fim de que sejam incorporados ou superados criticamente pelo pesquisador” (LIMA; MIOTO, 2007, p.40). Deste modo, ao coligir os trabalhos criticamente, a síntese articula resultados, revela padrões, preenche lacunas, identifica contradições e possibilita um novo patamar para o avanço do conhecimento.

O levantamento bibliográfico contou com os seguintes critérios de seleção: no parâmetro cronológico, optamos por considerar a produção

das últimas duas décadas, uma vez que a série Harry Potter teve seu início em 1997; no parâmetro temático, foram consideradas apenas as pesquisas que investigaram os aspectos políticos e ideológicos presentes na obra; no parâmetro linguístico, priorizamos artigos em inglês publicados em revistas internacionais com alto fator de impacto e maior número de citações, de modo a garantir a seleção de pesquisas influentes e significativas, considerando a especificidade do tema. Foram considerados também livros, capítulos de livros de editoras internacionais e um artigo publicado no encontro anual da APSA (Associação Americana de Ciência Política), devido a relevância da pesquisa. A partir da leitura reflexiva e interpretativa do material, foram selecionados três livros e três artigos para estudo e síntese integradora. Este panorama ofereceu um universo representativo para a compreensão dos principais pontos abordados neste campo de pesquisa. Que são os seguintes:

A guerra, o Estado e o indivíduo

Jennifer Sterling-Folker e Brian Folker (In: NEXON; NEWMAN, 2006) se interessaram pela análise das relações internacionais e políticas, tal como narradas no universo de Harry Potter. Eles observaram que, do mesmo modo que na experiência histórica real, “os bruxos compartilham diferentes nacionalidades e identidades ligadas às diferentes línguas que falam, esportes que praticam e sistemas educacionais³” (STERLING-FOLKER; FOLKER in: NEUMANN; NEXON: p. 105, 2006, tradução nossa).

O Ministério da Magia parece ter os mesmos poderes e responsabilidades que as democracias ocidentais: existem organizações, leis, acordos e eventos multilaterais. Assim, neste ponto, o mundo mágico espelha o mundo histórico nas esferas políticas, econômicas e sociais. No quarto livro da série, Harry Potter e o Cálice de Fogo, temos uma visão mais ampla da dinâmica internacional do mundo bruxo, ressaltada na Copa Mundial de Quadribol e no Torneio Tribuxo, competição entre alunos de escolas localizadas em escolas de magia localizadas em três países diferentes – Hogwarts na Inglaterra; Academia Mágica de Beauxbatons na França; e Instituto Durmstrang, localizado no norte da Noruega ou da Suécia.

³ No original: Magicals share distinct nationalities and identities linked to particular sporting teams, languages, and educational systems.

O torneio mostrado no livro é sediado em Hogwarts, organizado pelos Departamentos de Cooperação Internacional e de Jogos e Esportes Mágicos. Essa é uma tentativa, feita em conjunto pelos diferentes países, de reviver o torneio que havia sido descontinuado devido ao caráter perigoso dos jogos mágicos. Com isto temos um vislumbre da diferença cultural do mundo bruxo, que espelha as nacionalidades trouxas.

Entretanto, os mundos divergem fundamentalmente na forma como se realizam os conflitos em cada um. Enquanto no mundo histórico o nacionalismo se configura como um dos elementos centrais nas dinâmicas de guerra e diplomacia do século XX, no mundo bruxo os conflitos são marcados exclusivamente por questões de identidade, relacionadas sobretudo à pureza de sangue ou às diferenças de raças – expressas nos conflitos contra outras criaturas mágicas. Ainda que esses motivos também sejam pretexto para conflitos no mundo histórico, eles ocorrem de maneira distinta em Harry Potter – principalmente em relação à participação do Estado na gestão da guerra.

Mas com exceção da questão da nacionalidade, portanto, os conflitos do mundo bruxo na ficção de Harry Potter são provocados por razões análogas às guerras históricas do mundo real:

Xenofobia, ou intenso ódio por outro grupo de pessoas com base em sua nacionalidade, raça, etnia, religião e outros atributos, teve papel importante na Segunda Guerra Mundial. E Xenofobia permanece uma característica básica da política internacional contemporânea, com a violência na Iugoslávia e Ruanda-Burundi nos anos 1990 nos recordam⁴ (NEUMANN; NEXON, 2006: p. 109, tradução nossa).

Se no mundo histórico as diferenças político-ideológicas, as disputas territoriais e o controle de recursos também são, obviamente, fomentadores de guerras, no mundo bruxo essas questões não são tão relevantes.

As guerras bruxas não se encaixam no conceito de guerra tal como aplicado no mundo histórico, visto que, na ficção, os conflitos independem dos limites políticos do território, Sterling-Folker e Folker (2006) sugerem que pode ser mais apropriado referir-se aos conflitos em Harry Potter como disputas “transnacionais” – tal como ocorre, no mundo histórico, com o terrorismo internacional, que pode tanto operar contra um sistema de Estado-Nação como fora dele.

4 No original: Xenophobia, or the intense hatred of another group of people on the basis of nationality, race, ethnicity, religion, and other attributes, played an important role in World War II. And xenophobia remains a basic feature of contemporary international politics, as violence in Yugoslavia and Rwanda-Burundi in the 1990s reminds us.

Os conflitos bruxos também não necessitam da interferência das estruturas governamentais. O papel enfraquecido do Estado nas suas guerras é considerado pelos autores outra contradição em relação ao modo como o mundo bruxo espelha o mundo histórico. Os poderes do Ministério da Magia se limitam ao papel administrativo de regulamentação e supervisão burocrática do mundo bruxo, restringindo-se à função de manter a lei e a ordem (STERLING-FOLKER; FOLKER, in.: NEUMANN; NEXON, 2006).

A ausência de intervenção estatal nas guerras transnacionais em Harry Potter deve ser compreendida a partir da lógica de constituição de poder entre os bruxos. Na ficção de J. K. Rowling, o poder concentra-se em indivíduos – como Voldemort, Dumbledore e o próprio Harry Potter – por integrar magicamente as capacidades inatas de cada um. O Estado torna-se, assim, desnecessário como força de guerra nesse mundo. Por isso, Sterling-Folker e Folker (2006) consideram o mundo bruxo uma sociedade ultraliberal, no sentido teórico de relações internacionais.

Valores de Dumbledore

A temporalidade de Harry Potter acontece, na maior parte, durante o ano letivo de Hogwarts, um colégio interno. Assim, estão presentes temas relacionados a currículos e ao ato corriqueiro de frequentar às aulas. Como Hogwarts é uma escola de magia e bruxaria, são apresentados conteúdos fantasiosos com os quais o leitor naturalmente não está familiarizado, mas que, por seu turno, não deixam de transmitir normas sociais e valores políticos. Por isso, Torbørn Knutsen (In: NEXON; NEWMAN, 2006) decidiu analisar, através dos discursos e práticas adotadas por Dumbledore, os princípios que o diretor busca transmitir no projeto político-pedagógico de Hogwarts.

As normas e valores presentes na ficção são muito similares aos do mundo histórico, ainda que o mundo bruxo apresente uma realidade distintamente perigosa e diversificada. A escola ensina que o mundo está dividido entre bem e mal, de modo que os estudantes devem sempre optar pelo bem. Moral que fica evidente tanto através dos discursos oficiais de Dumbledore, quanto em suas conversas informais com Harry. Apesar disso, Dumbledore modernizou o currículo e a forma de ensino em Hogwarts, deixando claro aos alunos que eles devem pensar por

conta própria, ao invés de aceitar automaticamente o ponto de vista e as atitudes de outras pessoas (KNUTSEN In: NEXON; NEWMAN, 2006).

Dumbledore expressa as virtudes de uma sociedade que é violenta, perigosa, heterogênea e dificilmente democrática. Nesse sentido, os livros de Harry Potter comunicam uma visão de mundo que é semelhante àquela descrita no currículo contemporâneo da Escola Realista de Relações Internacionais⁵ (KNUTSEN in NEUMANN; NEXON, 2006: p. 203, tradução nossa).

O ato de seguir as regras da escola é incentivado por um sistema meritocrático de recompensas. Bom comportamento resulta em pontos para a casa a qual o estudante pertence. As casas de Hogwarts são organizações internas semelhantes às de outras instituições de ensino privadas. David Long (In: NEXON; NEWMAN, 2006) aponta que esse sistema de casas, assim como as competições que ajudam a formar laços com o grupo, valorizam as noções de competitividade e vitória por meio de esforço pessoal.

Porém, na prática, as regras de Hogwarts, sob a direção de Dumbledore, são elásticas. No decorrer da história é comum que Harry Potter (e algumas vezes, seus amigos) ganhe pontos precisamente por desobedecer às normas. Trata-se de situações em que quebrar as regras os colocam em grande perigo; porém, confere crédito pela bravura ao lidar com a situação.

Por tudo isso, Knutsen (2006) conclui que Dumbledore é um diretor que tem “profunda convicção sobre o valor das virtudes liberais tradicionais, mas que reconhece que alguns conflitos são irreconciliáveis e que o poder – e as alianças de poder – são importantes quando a situação chega.”⁶ (KNUTSEN In.: NEUMANN; NEXON: p. 204, tradução nossa). Partindo do pressuposto de que os estudantes possuem as qualidades da razão e da liberdade, a ética do diretor ressalta a importância de escolhas individuais. Além disso, para Dumbledore, as virtudes devem ser testadas na prática, com os estudantes aprendendo a lidar com as consequências de suas escolhas. Tudo isso baseado no princípio de que os valores são mais importantes do que as regras. “Ele cultiva em cada estudante o espírito da justiça, mesmo quando isso

5 No original: Dumbledore expresses the virtues of a society that is violent, dangerous, heterogeneous, and hardly democratic. In this sense, the Harry Potter books communicate a world view that is akin to that depicted in the contemporary curriculum of realist international relations scholarship.

6 No original: deep conviction about the value of traditional liberal virtues but who recognizes that some conflicts are irreconcilable and that power—and alliances of power—are important when push comes to shove.

significa que a lei deve ser quebrada. Em consequência ele ganhou fama de ser idealista e ingênuo”⁷ (KNUTSEN In.: NEUMANN; NEXON, 2006: p. 204, tradução nossa).

Knutsen (2006) destaca dois elementos fundamentais para situarmos a pedagogia de Hogwarts na trama de Harry Potter: a distinção entre o bem e o mal, ao redor da qual é construído o enredo; e a própria progressão da narrativa, que acontece de acordo com uma estrutura essencialmente romântica. Esse destaque é importante, pois essas características auxiliam na definição da moral da história.

Enquanto narrativa romântica, a série exalta a visão de mundo centrada no herói individual: o próprio protagonista que dá título à série. Contudo, segundo Knutsen (2006), Harry Potter é o herói por ser a personificação do projeto de Dumbledore – ensinar a seus alunos os valores do liberalismo clássico – uma vez que “(...) ele é um herói de origens modestas. É ordinário – não é grande e usa óculos. Ele é incerto sobre a fama e tímido sobre aprovação pública. Seu ego não é inchado por fortuna e fama. Harry também é um herói acidental”⁸ (KNUTSEN in: NEUMANN; NEXON, 2006: p. 206, tradução nossa).

Knutsen (2006) conclui que a mensagem dos livros de Harry Potter propõe a exaltação de valores liberais em uma sociedade complexa e perigosa. Diante das ameaças permanentes do mundo bruxo, a liberdade é um risco; por isso, é necessário aprender a ter responsabilidade. Assim, Dumbledore os deixa aprender fazendo escolhas, pois a virtude só pode existir quando há a possibilidade de discernimento.

Portanto, mais do que uma história sobre a vida de um órfão em um internato, os livros de Harry Potter seriam obras sobre regras e habilidades sociais a partir da perspectiva do liberalismo clássico: “coragem individual, decência, confiabilidade, diligência, honestidade, gentileza e solidariedade”⁹ (KNUTSEN In.: NEUMANN; NEXON, 2006: p. 204, tradução nossa). São romances que buscam transmitir aos leitores lições sobre comportamento virtuoso, sempre sob a ótica ideológica liberal.

Barratt (2012), por sua vez, destaca similaridades na forma de liderança de Dumbledore com o pensamento idealista de Immanuel Kant.

7 No original: He cultivates in each student the spirit of the law, even if this means that the letter of the law sometimes must be broken. As a result, he has earned a reputation of being idealistic, even naïve.

8 No original: he is a hero of modest origins. He is ordinary—he is not big, and he wears glasses.²⁶ He is uncertain about fame and timid about public approval. His ego is not swollen by fortune and fame. Harry is also an accidental hero.

9 No original: individual bravery, decency, dependability, diligence, honesty, kindness, and solidarity.

Os idealistas defendem a democracia, pois acreditam na capacidade dos indivíduos de trabalhar em conjunto para atingir um bem comum. Embora não haja menções à democracia em Harry Potter, as ações de Dumbledore, ao buscar cooperação internacional e interespécies, além de incentivar os estudantes a resistirem à inimizade semeada por Voldemort, representam parte daqueles princípios kantianos (BARRATT, 2012). A autora ainda enxerga a presença do idealismo no envolvimento da Ordem da Fênix no combate contra Voldemort – uma vez que os membros lutam para manter seus ideais de justiça e cooperação que seriam destruídos se as forças das trevas chegassem ao poder.

Poder e legitimidade

A legitimação do poder em Harry Potter é sustentada em diferentes bases. Voldemort e seus seguidores, em consonância com o realismo político de Hobbes, agem a partir da noção de que os mais poderosos devem ser, de fato, aqueles que governam (BARRATT, 2012). A sustentação do poder, portanto, é dada principalmente através da coerção pelo uso da força.

A hereditariedade também é uma fonte legitimadora para um grupo de bruxos ligados a valores tradicionais e, de certo modo, antiliberais. Preocupados com a pureza do sangue (de modo análogo ao arianismo dos nazistas alemães), as famílias do “Sagrado 28” – linhagem sem registro de parentesco com trouxas – buscam legitimar a sua ascendência por meio da genealogia. Estas são famílias influentes no governo bruxo, em parte, também devido à sua riqueza: outra fonte significativa de legitimação do poder.

Barratt (2012) ilustra o papel do dinheiro no discurso dessas famílias ao chamar atenção para o imponente prédio do Gringotts – o banco utilizado pelos bruxos, localizado precisamente no Beco Diagonal, um espaço comercial igualmente exclusivo. Por isso, entre os expedientes de disputa de poder, os Malfoy também se dedicam, por exemplo, a desvalorizar os Weasley – uma família puro-sangue malvista pelas famílias ligadas à supremacia do sangue bruxo por serem pobres e, sobretudo, por se posicionarem contra a segregação.

Voldemort teme Dumbledore por reconhecer o extraordinário poder do adversário. Contudo, o respeito do mundo bruxo em relação a Dumbledore é baseado na sua sabedoria – tal como nos Reis Filósofos de Platão (BARRATT, 2012). É importante observar que a inteligência como fonte de poder é, sobretudo neste caso, ligada ao ideal da meritocracia: de forma mais específica, o poder é visto como uma ligação entre inteligência e esforço, qualidades atribuídas às oligarquias capitalistas que, desde modo, buscam legitimar sua ascendência a partir de seus próprios critérios. Por isso, assim como Torbørn Knutsen (In: NEXON; NEWMAN, 2006), Barratt (2012) também observa a presença do liberalismo clássico na construção do personagem Dumbledore, sobretudo na ênfase da moral do trabalho duro e da ética das escolhas certas, características muito presentes em sua imagem pessoal, assim como em sua pedagogia. E assim, observamos com nitidez o contraste entre os valores liberais dos protagonistas e as diversas manifestações de antiliberalismo dos rivais e antagonistas.

Harry Potter e Dumbledore também confiam na lealdade de sua comunidade para manter seu poder. Essa é uma das características mais valorizadas no decorrer da série. Voldemort, ao contrário, preocupa-se pouco com a virtude de seus seguidores. Ainda que o vilão espere alguma lealdade, ele o faz com consciência de que a maioria o obedece por medo.

Entretanto, é importante notar que a narrativa não considera a legitimação do poder através da democracia. Em Harry Potter, não há qualquer indicação de instrumentos oficiais para a participação do povo na política, por exemplo. É verdade que, durante as crises, o Ministério parece se preocupar com a opinião pública; contudo, não fica claro ao leitor quais seriam os mecanismos democráticos pelos quais o povo poderia interferir nas decisões do governo (BARRATT, 2012). Além disso, a opinião pública sobre as ações ministeriais depende das informações da imprensa. E o jornal O Profeta Diário – principal meio de comunicação bruxo – funciona, prioritariamente, como um defensor da burocracia e dos interesses estatais.

Burocracia da magia

A burocracia no Ministério da Magia é resultado, como explica Barratt

(2012), das mesmas características de qualquer outra organização: a necessidade de racionalizar a crescente estrutura administrativa. Contudo, um dos efeitos colaterais é o surgimento de um grupo corporativista que, independentemente da atividade fim, atua prioritariamente para garantir a sua própria existência. O personagem Mr. Crouch é apontado por Barratt (2012) como um dos burocratas que passaram a ver o meio como uma finalidade, o que pode levar à corrupção: inúmeros favores pessoais são feitos para o Ministério ou através dele. O próprio poder judiciário, em Harry Potter, também se revela dominado por burocratas que, preocupados em girar as próprias engrenagens internas, deixa de cumprir a sua atividade essencial: fiscalizar os atos governamentais.

Barratt (2012) cita as conclusões de Barton e Travis para sustentar que J. K. Rowling professa uma insistente defesa do pensamento liberal, favorável à mínima intervenção estatal e com pouco envolvimento na vida dos cidadãos – um discurso que se revela também, por contraste, na maneira frequentemente pejorativa pela qual ela descreve o Ministério da Magia. Mas o pesquisador chama a atenção para uma importante contradição apontada por Reagin (2011): o Ministério da Magia regula muitas coisas que, no mundo real, integram parte da esfera privada (BARRATT, 2012).

No entanto, na interpretação de Gierzynski e Seger (2011), a maneira pela qual Rowling estigmatiza a burocracia não se refere, necessariamente, à estrutura governamental. Para os pesquisadores, a crítica da autora se concentra na ação dos indivíduos no poder. A máquina do Estado não é questionada na ficção de Rowling, uma vez que as engrenagens ministeriais necessárias tanto para preservar o mundo mágico como para regulamentar o uso de magia, por exemplo, são naturalizadas como pontos pacíficos.

Mas ainda que exista divergência entre os pesquisadores a respeito da natureza da crítica de J. K. Rowling às estruturas burocráticas, todos são unânimes ao observar que, em Harry Potter, os líderes governamentais são recorrentemente apresentados como corruptos, incompetentes ou paranoicos, por medo de perder seu cargo de poder.

Libertalismo

O ideal de governo professado em Harry Potter é aquele que não interfere nas questões pessoais. A mensagem ideológica da narrativa ensina que não é papel do governo garantir o bem-estar social. Em uma palavra: o mundo mágico do jovem bruxo é eminentemente individualista (STERLING-FOLKER; FOLKER, 2006). Barton (2006) infere que esse posicionamento está relacionado à própria narrativa que a autora de Harry Potter reproduz para atribuir sentido à sua própria trajetória: uma mulher que superou a pobreza e se tornou bilionária, tornando-se uma daquelas exceções que se apresentam como exemplo paradigmático no mito da meritocracia.

Quando terminou o primeiro manuscrito de Harry Potter, a autora estava divorciada e desempregada, sendo amparada pelo seguro-desemprego. Ela recebeu diversos “nãos” para a publicação de Harry Potter, até que a pequena editora Bloomsbury publicou o livro. A sugestão de assinar como J.K. Rowling – em vez de escrever seu nome Joanne – foi do seu editor Barry Cunningham, pois ele acreditava que o livro teria melhores chances de venda se não fosse anunciado como escrito por uma mulher. Ninguém esperava o estrondoso sucesso de Harry Potter: foram mais de 500 milhões de cópias vendidas, com tradução para mais de 50 línguas, o que deixou a escritora milionária.

Barton (2006) identificou que, em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (2005), sexto livro da série, a história reforça com particular ênfase os dois principais conceitos do libertalismo: “movimento libertário se apoia em dois conceitos interrelacionados para recrutar: a) ‘que o melhor governo é o que governa menos’; e b) autoconfiança e respeito aos direitos individuais deveriam ser supremos” (BARTON, 2006, p. 20, tradução nossa)¹⁰. Sendo o primeiro conceito identificado pelo autor a partir de *A Desobediência Civil* (1849), de Henry David Thoreau.

Os sinais de incompetência estatal já haviam sido registrados a partir do final do quarto livro, *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2000), quando o Ministério se recusa a reconhecer que Voldemort voltou – situação que se mantém durante o quinto livro, *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003). Mas segundo Barton (2006), é no sexto livro que Rowling carrega

10 No original: The libertarian movement relies upon two interrelated concepts to recruit: a) “that government is best which governs least;” and b) self-reliance and respect of individual rights should be paramount.

na retórica para representar a ineficiência das ações governamentais na batalha contra Voldemort. A representação ostensiva de um Estado imprestável é vista por Barton (2006) como um subterfúgio da autora para convencer os leitores acerca das virtudes dos ideais libertalistas.

Terrorismo e contraterror

Apesar das analogias com o nazifascismo, a forma de ação dos Comensais da Morte apresenta maior aproximação com grupos terroristas durante a maior parte da história.

Poderia haver uma organização terrorista mais arquetípica do que os Comensais da Morte? Suas máscaras, seu amor pelo teatro, sua escolha de alvos e táticas com poderoso impacto emocional e sua capacidade de se esconder à vista – em muitos aspectos eles são essencialmente o “grupo terrorista”, como foi construído na consciência coletiva popular, e eles igualmente atormentam o poder “legítimo” do Ministério para detê-los¹¹ (BARRATT, 2012, p 105, tradução nossa).

Os Comensais da Morte não foram definidos como um grupo terrorista por J.K. Rowling. Por ser um conceito socialmente construído, o terrorismo pode ser definido de várias maneiras diferentes de acordo com o momento histórico (BARRATT, 2012). Mas a pesquisadora chama a atenção para as semelhanças entre as ações dos Comensais da Morte e das fações consideradas terroristas no mundo real ocidental. O que os aproxima são cinco características que usualmente distinguem atos de terror de outros crimes: a não convencionalidade; o conteúdo simbólico dos alvos; a prática de atingir não-combatentes; a assimetria; e a performatividade.

Os Comensais da Morte também se assemelham a grupos terroristas em sua organização interna. Os membros da organização nunca conhecem todos os outros membros e tampouco sabem de antemão as missões que lhes serão atribuídas. Essa tática comum no terrorismo internacional, conhecida como celularização, impede que um membro capturado possa entregar os planos do grupo. Os vilões

¹¹ No original: Could there be a more archetypal terrorist organization than the Death Eaters? Their masks, their love of theatrics, their choice of targets and tactics with powerful emotional impact, and their ability to hide in plain sight—in many ways they are the quintessential “terrorist group” as it has been constructed in the popular collective consciousness, and they similarly bedevil the “legitimate” power of the Ministry to stop them.

de Harry Potter também utilizam como uniforme uma máscara e uma capa: indumentárias empregadas para subjugar a identidade individual em favor do coletivo – tática adotada por outros grupos como Al Queda, Ku Klux Klan e Sendero Luminoso – ao mesmo tempo que impede a oposição de identificar o tamanho real do grupo (BARRATT, 2012).

Essas características das ações terroristas têm por objetivo induzir a sociedade ao medo permanente, de modo a colocar em dúvida a estabilidade do regime político, transformando-o em um alvo mais vulnerável. E para o temor dos liberais, tanto essa instabilidade quanto as reações governamentais às ameaças terroristas tendem a colocar em risco as liberdades individuais e os direitos civis.

De outro lado, as ações antiterrorismo também são performáticas. Barratt (2012) aponta que, no mundo histórico, os governantes também espetacularizam os atos de contraterrorismo para acalmar a população e, sobretudo, o eleitorado. Na ficção de Harry Potter, os governantes também se importam com a opinião pública e podem ser destituídos de seus cargos por causa dela. Assim, quando a gravidade da ameaça é incerta, os líderes tentam minimizar o problema. Barratt (2012) aponta que os governantes bruxos tendem a tomar o caminho mais fácil, em vez do caminho certo – tal como faz o ministério ao perseguir um bode expiatório (Sirius Black) ao invés do verdadeiro responsável (Voldemort) – um inimigo mais difícil de ser capturado.

A prisão do personagem Sirius Black sem nenhum julgamento é outro ponto a ser abordado. No contexto do caos provocado pelo terror da primeira guerra com Voldemort, os habitantes do mundo bruxo não apresentaram oposição às arbitrariedades contra as liberdades individuais cometidas pelo Estado em nome da segurança. Barratt (2012) destaca, como conta Sirius a Harry, que durante esse período o chefe do Departamento de Execução das Leis da Magia “(...) começou a usar táticas que eram pouco melhores do que as usadas pelos próprios Comensais da Morte”¹² (BARRATT, 2012, p. 109, tradução nossa). O mesmo vai acontecer no início da gestão de Scrimgeour, em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (2005), quando o governo prende suspeitos apenas para fingir que está fazendo algo.

Com tudo isso, J. K. Rowling firma uma crítica inequívoca a respeito das arbitrariedades perpetradas pelo Estado em épocas de crise, sob

¹² No original: started to use tactics that were little better than those used by the Death Eaters themselves.

o pretexto da segurança. O medo instaurado pelo terrorismo e o temor dos governantes de perder sua força induzem o Estado a abandonar a proteção dos direitos civis, colocando em risco a liberdade da população que deveria defender.

Além das violações do processo legal, o governo bruxo também age restringindo a liberdade de imprensa e monitorando todos os meios de comunicação. Barratt (2012) chama atenção para as analogias da ficção com o contexto histórico de sua produção, sublinhando a luta antiterrorista que se intensificou a partir do atentado de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, quando o governo passou a desenvolver todo um sistema de espionagem digital para obter acesso às informações pessoais dos indivíduos. Rowling reconhece a importância da proteção de informações privadas e criou analogias para isso em sua ficção: tanto os Comensais da Morte, quanto os membros da Ordem da Fênix estão cientes do problema e tentam se proteger contra o vazamento de dados.

Não-violência

Enquanto os antagonistas de Harry Potter usam a violência de modo exacerbado, os aliados a tratam como um mal a ser evitado. Essa é uma das lições morais que Gierzynski e Seger (2011) acreditam ter sido internalizada pelos *millennials* – nome dado aos nascidos entre o início da década de 1980 até o final do século XX. McEvoy-Levy (2018) também destaca o princípio da não-violência em Harry Potter, mesmo em situações de conflito, como uma característica ressaltada principalmente no protagonista da série, mas também entre seus companheiros.

Em uma ocasião, por exemplo, o jovem bruxo se defende da maldição da morte (*avada kedavra*) com um feitiço de desarmamento, em vez de revidar. Em *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (1997), depois de a personagem Belatriz LeStrange ter assassinado Sirius Black, Harry Potter decide se vingar empregando a maldição da tortura (*cruciatus*) contra ela. Porém, ele não consegue fazer o feitiço funcionar. Em resposta, Belatriz diz a ele: “É preciso querer usá-las, Potter! É preciso realmente querer causar dor, ter prazer nisso; raiva justificada não faz doer por muito tempo” (ROWLING, 2015: p. 656). Deste modo, notamos que, mesmo em uma

situação de extremo pesar diante uma crueldade inominável, a tortura não é admitida como uma ação que pessoas virtuosas infligem às outras.

Manutenção do *status quo*

Enquanto a guerra contra Voldemort é representada como uma iniciativa para combater a segregação e restaurar a paz, McEvoy-Levy (2018) destaca que, na prática, a ela é travada para assegurar apenas “a paz cotidiana do mundo bruxo, que é uma paz liberal com injustiças ocultas em sua fundação”¹³ (MCEVOY-LEVY, 2018: p. 132, tradução nossa). Aqui podemos destacar a trajetória da própria J.K Rowling que, enquanto se destacou pela sua oposição ao governo Trump, tecendo críticas a ele no Twitter, se revelou posteriormente transfóbica e passou a defender seu preconceito tentando disfarçá-lo de feminismo.

Com o fim da guerra, ao final da história, não há indícios de transformações para os grupos sociais recorrentemente estigmatizados e oprimidos naquele mundo de fantasia. Por exemplo, Rowling não indica qualquer discussão sobre a legislação antilobisomem, sobre a proibição de gigantes viverem na Grã-Bretanha, nem alterações na condição servil de duendes e elfos domésticos – seres mágicos dotados de inteligência, mas em situação análoga, em diversos aspectos, à escravidão. O final feliz liberal de Harry Potter, portanto, não propõe transformações revolucionárias, nem o fim das injustiças, mas apenas mantém o *status quo* onde “Harry e seus amigos reproduzem a tradicional família nuclear”, explica Mcevoy-Levy (2018, p. 138.). As distinções de classe e o status de sangue não são questionados no mundo pós-guerra. Por isso: “Essas tentativas de quebrar com a tradição dificilmente podem ser chamadas de radicais”¹⁴ (MCEVOY-LEVY, 2018, p. 138, tradução nossa).

Na concepção de J. K. Rowling, os fundamentos da paz se encontram, acima de tudo, nas tradições culturais. Por isso, a autora busca relacioná-la às crenças espirituais e sobretudo ao arquétipo da maternidade, interpretada como uma das forças mais poderosas de magia ancestral. A amizade e os espaços que sugerem a sensação do lar

13 No original: the everyday peace of the wizarding world, which is a liberal peace with hidden injustices at its foundation.

14 No original: Harry and friends reproduce the traditional nuclear family, but cross class—and blood status—divides in doing so. These tentative breaks with tradition can hardly be termed radical.

também são bases importantes nesse imaginário. Enquanto Voldemort conta com a força do medo, o jovem bruxo luta pela paz contando com o poder do amor, da lealdade e da empatia de outras espécies que são maltratados no mundo bruxo.

No entanto, Harry Potter não se caracteriza como um personagem revolucionário. McEvoy-Levy (2018) atribui ao protagonista a imagem de mártir, como Cristo, uma vez que Potter renasce ao final para derrotar Voldemort. Assim, apesar das perdas “(...) o miraculoso (mesmo para os níveis do mundo bruxo) renascimento de Harry faz da história um mito épico de heroísmo no final e não uma verdadeira história de guerra”¹⁵ (MCEVOY-LEVY, 2018, p. 138, tradução nossa).

Conclusão

As pesquisas que investigam as ideologias em Harry Potter tendem a ressaltar as analogias do mundo bruxo com a realidade histórica contemporânea, buscando sempre os indícios dos posicionamentos políticos que a autora imprimiu à obra. Ainda que os principais campos de investigação se alternem entre perspectivas multidisciplinares no campo das Relações Internacionais e das Ciências Políticas, outras áreas do conhecimento, como a Educação, também se interessaram pela análise. O panorama das pesquisas revela resultados coerentes e complementares entre si, indicando a consistência das conclusões.

Entre as principais descobertas, observou-se que, diferentemente do mundo histórico, onde diversos fatores políticos podem ser manipulados para servir de pretexto a conflitos, na ficção de Harry Potter as guerras bruxas se originam exclusivamente nas diferenças identitárias. Ao prescindir dos Estados-Nação como agentes de guerra, e sobretudo ao substituir o poder governamental pela magia individual, a autora deixa escapar um dos indícios mais fortes dos valores e princípios ideológicos que permeiam as entrelinhas de sua narrativa, fundamentados na celebração do individualismo.

A pregação do liberalismo, contudo, não está presente apenas na apoteose da série. Em diversas oportunidades da narrativa, a própria

15 No original: Harry's miraculous (even by the wizarding world's standards) rebirth makes the story an epic myth of heroism in the end and not a real war story.

pedagogia de Dumbledore se revela um dos pilares dos valores liberais na série de livro, sobretudo ao priorizar a escolha individual e a livre iniciativa como forma de aprendizado. As virtudes exaltadas na obra de J. K. Rowling, portanto, são aquelas do liberalismo clássico. Nesse sentido, Harry Potter é a figura paradigmática do herói liberal que, partindo de uma origem humilde, dedica-se aos estudos e ao trabalho duro, até alcançar o reconhecimento advindo de seus próprios méritos individuais.

Assim, ao mesmo tempo em que o herói se coloca em confronto com as pretensões totalitárias e eugenistas de Voldemort e seus seguidores; ele também se contrapõe, através de seu exemplo pessoal, em relação aos privilégios simbólicos da hereditariedade aristocrata, na qual se sustentam famílias tradicionais como os Malfoy e os Black. Por outro lado, a valorização do conhecimento, a principal fonte do respeito individual a Dumbledore; assim como o enaltecimento da lealdade pessoal, uma das virtudes mais importantes entre os protagonistas, reafirmam o conjunto de valores que compõem o liberalismo clássico de Rowling.

Enquanto a narrativa dos Comensais da Morte é construída em analogia ao nazifascismo, a sua forma de ação e organização interna parece inspirada nos grupos terroristas no mundo ocidental. Por sua vez, Harry Potter é partidário de métodos deliberadamente não-violentos. Contudo, ainda que seja um valor compartilhado, trata-se de um pacifismo individualista: a democracia não aparece como uma forma de legitimação de poder. Dumbledore parece fundamentado em um idealismo kantiano a respeito da necessidade de cooperação interespecies para a conquista e manutenção da paz. Por isso, enquanto Harry e seus amigos vencem a luta contra o terror, outras questões relativas à universalidade de direitos não são solucionadas – ou sequer mencionadas.

A narrativa da série se estrutura na luta pelas liberdades individuais e pelos direitos humanos, mas não conta uma história revolucionária: e sim uma história que reafirma a estrutura social vigente. Deste modo, a Ordem da Fênix busca direitos iguais para bruxos puro-sangue e mestiços nascidos trouxas, mas não se propõe a lutar contra os preconceitos, as injustiças e as violências corriqueiras de sua sociedade.

O final feliz de Harry Potter e seus amigos, portanto, implica na restauração do *status quo*, tal como conhecido antes de Voldemort, mantendo intactas as estruturas tradicionais presentes naquela sociedade. No epílogo de toda a aventura, Harry, Ronald e Hermione,

além de constituir famílias tradicionais, tornam-se funcionários dedicados no Ministério – Harry e Ronald como aurores (agentes do Ministério da Magia responsáveis por investigar crimes) e Hermione como uma típica burocrata que trabalha para a reprodução daquela sociedade contraditória. Em outras palavras, longe de provocarem transformações sociais, os heróis liberais terminam a história como agentes que garantem a manutenção do sistema. Ainda que exista a possibilidade de os personagens de Harry Potter serem agentes de transformação dentro do sistema, ao defenderem o direito de seres mágicos oprimidos, J.K. Rowling não deixa nenhum indício escrito de que isso aconteça.

REFERÊNCIAS

- BARRATT, Bethany. **The Politics of Harry Potter**. New York: Palgrave Macmillan, 2012.
- BARTON, Benjamin H. **Harry Potter and the Half-Crazed Bureaucracy**. *Michigan Law Review*, Vol. 104, Mai 2006. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=830765>. Acesso em: 05 ago. 2018.
- CONTENT, Rock. J.K. Rowling: conheça a história de superação da autora que vendeu mais de 500 milhões de livros. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/talent-blog/j-k-rowling/>. Acesso em: 09 abril 2021.
- GIERZYNSKI, Anthony; SEGER, Julie. **Harry Potter and the Millennials: The Boy-Who-Lived and the Politics of a Muggle Generation**. APSA 2011 Annual Meeting Paper. Disponível em: SSRN: <https://ssrn.com/abstract=1902219>. Acesso em: 05 ago. 2017.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. *Rev. Katál*. Florianópolis, v.10, n. spe p. 37-45 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004. Acesso em: 24 set. 2019.
- MCEVOY-LEVY, Siobhán. **Peace and Resistance in Youth Cultures: Reading the Politics of Peacemaking From Harry Potter To The Hunger Games**. Indianapolis: Palgrave Macmillan, 2018.
- NEXON, Daniel H.; NEUMANN, Iver B. et al. **Harry Potter and International Relations**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2006.
- ROWLING, J. K. **Box Harry Potter – Série Completa**. Rio de Janeiro: Rocco. 2015
- _____, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco. 2000.
- _____. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco. 2000.
- _____. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco. 2000.
- _____. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco. 2001.
- _____. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco. 2003.

_____. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco. 2005

_____. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco. 2007.

Data do recebimento: 08/02/2022

Data da aprovação: 25/04/2022



